



## Camadas de memória do livro yiddish no Brasil<sup>1</sup>

Memory Layers of Yiddish Books in Brazil

**Henri Acselrad\***

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Rio de Janeiro, Brasil

hacsel@uol.com.br

**Resumo:** A partir da consulta ao acervo de obras em *yiddish* composto ao longo de mais de cem anos na Biblioteca Scholem Aleichem do Rio de Janeiro, o artigo procura identificar os conteúdos que viajaram nos “livros migrantes” que acompanharam uma geração de leitores de uma literatura que militou na convergência entre luta social e luta linguística.

**Palavras-chave:** Literatura *yiddish*. Bibliotecas judaicas. Acervo bibliográfico.

**Abstract:** Through analyzing the collection of the more the centenary Yiddish Scholem Aleichem Library in Rio de Janeiro, the text aims at identifying the contents that traveled inside this migrant books together with a generation of readers that fought for the convergence between social struggle and linguistic struggle.

**Keywords:** Yiddish Literature. Jewish Libraries. Bibliographic Collection.

“Ser judeu” – lembra a escritora Noemi Jaffe – “é participar de uma continuidade de leitura e de representação do mundo pela palavra.”<sup>2</sup> Essa relação entre a prática da leitura e a continuidade de um pertencimento está presente em diferentes autores que ressaltam no ato de ler um livro “um modo de nos definirmos a nós mesmos.”<sup>3</sup> O livro é um objeto itinerante de uma experiência material e concreta de leitura; ao mesmo tempo leitura de si mesmo e interesse pela alteridade, posto que o leitor se torna um “outro” ao submeter-se ao universo do livro.<sup>4</sup> Essa combinação entre afirmação de identidade e curiosidade pela diversidade dos mundos justifica o entendimento do judaísmo como uma comunidade de leitura, onde as bibliotecas são constituídas por

---

<sup>1</sup> O autor agradece a Carlos Acselrad e Abrão Rumschinsky pelo apoio dado à tradução de textos em *yiddish*.

\* Professor Titular do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ).

<sup>2</sup> *Mish Mash* – A presença judaica no Brasil, episódio sobre literatura do vídeo de Liana Schnaider, Pedro Barbieri Gorski, Tatiana Toffoli Soares, Pacto audiovisual, 2017.

<sup>3</sup> BARNES, 2015, p. 19.

<sup>4</sup> FREIJOMIL, 2009.



uma estratificação geológica resultante da história dos esforços intelectuais de diferentes gerações.<sup>5</sup>

Este artigo pretende explorar as camadas de memória contidas numa biblioteca *yiddish* do Rio de Janeiro. Por suas histórias de vida, os livros que aqui nos interessam seguiram rotas e desvios, tiveram seus significados inscritos em distintos usos e caminhos. Acompanhar tais rotas nos ajudará a entender a sequência de ações que lhes deram vida como objetos consignados em um arquivo, fruto de um poder de consignação, de um trabalho de repetição e uma exterioridade.<sup>6</sup>

Pela consignação, ele reúne um conjunto de signos em um só corpo, em uma sincronia na qual todos os elementos se articulam numa unidade idealizada. A repetição constitui um modo de exercício frequente da inteligência. A exterioridade, por fim, coloca o livro “entre duas inteligências que resumem a comunidade ideal inscrita na materialidade das coisas.”<sup>7</sup> Ordem e movimento constituem o arquivo, engajando ao mesmo tempo leitura e escrita, passado e futuro.<sup>8</sup> Ao tomar este arquivo/biblioteca como objeto de análise, este artigo busca identificar as linhas que orientaram a definição de seus limites temáticos, seus critérios de legitimidade e inclusão, procedimentos sucessivos de constituir e ordenar conhecimentos,<sup>9</sup> realizados não só pelas mãos de seus ativistas, mas também por seus usuários. Isto porque nas bibliotecas associativas, como a Biblioteca Scholem Aleichem do Rio de Janeiro, objeto de nosso interesse, a reunião dos livros é indissociável da reunião de leitores, posto que nelas coexistem a argumentação face a face e o comentário resultante da leitura sucessiva de textos.

A cultura estocada em seus livros foi sendo dinamizada e reativada pela comunicação oral, pelo encontro com escritores visitantes e pela memória das experiências vividas, conjugando “letra e espírito, ativando o passado escrito pelo *élan* da vida em ato”,<sup>10</sup> numa tradição que, mesmo a partir das fronteiras da ilegalidade europeia, foi herdada das comunidades de origem pela imigração judaica da Europa do leste.<sup>11</sup>

---

<sup>5</sup> MANDELSTAM, 2006.

<sup>6</sup> DERRIDA, 1995, p. 38.

<sup>7</sup> RANCIÈRE, 1987, p. 66, 95.

<sup>8</sup> AYMES, 2004, p. 70.

<sup>9</sup> CUNHA, 2004.

<sup>10</sup> STEINER, 2007, p. 25.

<sup>11</sup> Rifka Gutnik, nascida na Bessarábia e chegada ao Rio de Janeiro em 1929, onde passou a frequentar a Biblioteca Scholem Aleichem, lembra que em Britchon, sua cidade de origem, “tinha uma intelectualidade bem interessante; tinha também uma biblioteca que vez ou outra a polícia batia lá... sim, quantas vezes vinham crianças com livros embaixo da blusa correndo para eu esconder os livros, porque não queriam



A sociedade judaica da Europa do Leste era composta por uma rede de vilas e burgos que escapava às categorizações estritamente administrativas. Esta constelação formava um tecido social coerente, com o paradoxo de que tinha ramificações múltiplas, mas não um centro.<sup>12</sup> Até fevereiro de 1917, os judeus só tinham o direito de residir de modo permanente em quinze províncias do Oeste e do Sul do Leste europeu. Nelas, a língua *yiddish* “constituía um espaço geográfico, uma rede cujos elos eram a palavra que circulava entre as regiões, Estados, países, continentes. Na ausência de um território definido, era em direção a ela que todas as correntes culturais e políticas confluíam.”<sup>13</sup>

O processo de laicização que atravessou esse território às vésperas do século XX reflete o modo como a cultura tornou-se, então, uma espécie de crença que mobilizou seu público por intermédio de um processo de “secularização da religião e sacralização da cultura.”<sup>14</sup> Muitos dos participantes desse processo eram intelectuais de um tipo particular; autodidatas que, ao longo de suas existências movimentadas, adquiriram uma forma original de cultura, ao mesmo tempo universalista e judaica, “feita do gosto pela reflexão histórica e teórica, mas também de bom senso e realismo irônico colhidos no patrimônio da cultura *yiddish*; uma cultura nutrida por surpreendentes bibliotecas.”<sup>15</sup>

Sabemos que os sentidos atribuídos a uma obra literária são determinados tanto pelo campo de recepção onde estão situados os leitores como pelo campo de origem onde ela foi produzida. Para o caso da distância entre os contextos respectivos de leitura e de produção das obras, Bourdieu<sup>16</sup> sustenta que os leitores tendem a aplicar aos textos categorias de percepção distintas daquelas do contexto intelectual e político em que estes textos foram elaborados. No caso de leitores e obras migrantes, esta distância vai se constituindo pouco a pouco ao longo do tempo. A própria operação de leitura constitui, em parte, um exercício ativação do passado<sup>17</sup> e de reaproximação com os contextos de onde saíram os leitores e que deram origem às problemáticas expressas nas obras. Um movimento incessante entre tempos e lugares é sempre reativado pelo

---

perder para a polícia, porque já estavam com aviso que a polícia ia bater.” (BLAY, 1989, p. 119-120).

<sup>12</sup> ERTEL, 2003, p. 45.

<sup>13</sup> ERTEL, 2003, p. 50.

<sup>14</sup> KAUFMAN, 2003, p. 185.

<sup>15</sup> BROSSAT; KLINGSBERG, 1983, p. 94.

<sup>16</sup> BOURDIEU, 2002, p. 4-5.

<sup>17</sup> “Podemos interrogar a palavra escrita como sendo essencialmente um lugar de memória”. MERKLEN, 2013, p. 240.



pensamento, pela memória, por formas de narração multiformes, meio de não esquecer e de reinventar o passado num presente difícil de captar.<sup>18</sup>

Estima-se que a língua *yiddish* exista há séculos, mas que apenas entre 1880 e 1940 as bibliotecas *yiddish* puderam florescer. Dado o histórico de expulsões, restrições de localização e pogroms que atingiu os falantes desta língua, entende-se a razão dos limites à montagem e estabilização de tais bibliotecas, assim como o fato de que muito da produção cultural nelas expressa tenha sido conservado por transmissão oral. Ao longo da história judaica houve uma contínua e recíproca relação entre histórias transmitidas oralmente e textos escritos. A título de exemplo: um dos registros realizados pelos coletivos de coleta etnográfica de histórias orais atuante na Europa do Leste no entre-guerras identificou a reprodução de uma história publicada em hebraico em Salônica em 1521 numa versão impressa em *yiddish* em 1707 e, muito tempo depois, novamente numa versão oral coletada por etnógrafos, em 1926, na Polônia.<sup>19</sup>

Na segunda metade do século XIX, as bibliotecas comunitárias judaicas da Europa do Leste permaneceram isoladas, a despeito do aumento da motivação de seus potenciais leitores. No Leste europeu, partidos políticos costumavam ter suas próprias bibliotecas, com pequenas coleções que refletiam suas opções filosóficas. Atividades culturais como o teatro, por exemplo, costumavam também motivar a montagem de bibliotecas: o Clube Dramático Yiddish Sh. An-sky de Lemberg, tinha, nos anos 1920, um acervo de 3000 livros (Jones, 1994). Certas bibliotecas nasceram já no contexto do exílio judaico em proveniência dos países do Leste para a Europa ocidental. A primeira biblioteca *yiddish* de Paris foi criada em 1904 por judeus vindos da Rússia czarista e da Polônia. Esses emigrados, mais de 5.000 chegados entre 1881 et 1905, em torno de 10.000 logo antes do início da I Grande Guerra, se reagrupavam em todo tipo de coletivos. Foi a associação de operários e estudantes Arbeter-Tareyn Kemfer (União dos Trabalhadores “O Combatente”) que criou esta biblioteca pioneira na imigração intraeuropeia. Apesar do grande número de seus leitores, o fato de parte importante dos dirigentes desta associação ter retornado à Rússia quando eclodiu a Revolução de outubro levou, em 1917, ao fechamento dessa biblioteca.<sup>20</sup>

Em 1925, foi criada em Vilna, cidade da Lituânia fazendo então parte da Polônia, aquela que viria a ser uma das mais importantes bibliotecas em língua *yiddish*: a Biblioteca do YIVO (Instituto Científico Judaico) chegou a conter 220.000 itens

---

<sup>18</sup> LACOUÉ-LABARTHE; MOUYSSET, 2013.

<sup>19</sup> WEINREICH, 1988.

<sup>20</sup> Uma parte do acervo da atual Biblioteca Medem de Paris, fundada em 1920 por militantes do BUND, provém desta primeira biblioteca *yiddish* conhecida na França. HIDIROGLOU, 2006.



registrados, entre os quais 40.000 livros em *yiddish*. A pesquisadora Lucy Dawidowicz, que estudou no YIVO entre 1938 e 1939, estimou em 175 o número de bibliotecas privadas judaicas existentes, à época, apenas na cidade de Vilna. Nesta cidade estava situada também a Biblioteca Strashun, uma das maiores para os estudos judaicos da Europa pré-II Guerra. Seu fundador, Matityahu Strashun, fôra um grande colecionador de livros, possuindo milhares de textos e manuscritos hebraicos, incluindo peças religiosas, de ficção, poesia e trabalhos científicos, perfazendo em 1935, 35.000 volumes, dos quais 400 livros impressos no século XVI.

A ala cultural do BUND, por sua vez, criou em Varsóvia, em 1930, a Biblioteca Grosser, através da unificação de uma série de pequenas coleções. Sob a direção do bibliotecário autodidata Herman Kruk, foi criado um serviço de assistência a pequenas bibliotecas em comunidades remotas, fornecendo guias literários e boletins mensais.<sup>21</sup> Estima-se que antes da II guerra, havia na Polônia 250 bibliotecas com acervos maiores do que 1000 volumes, perfazendo um total de 1 650 000 obras. Bibliotecas menores, com menos do que 1000 volumes, seriam 1200, pertencentes a diferentes tipos de associação.<sup>22</sup>

Durante a II Grande Guerra, todas essas bibliotecas judaicas foram pilhadas pelos ocupantes nazistas. O saque começou na França, em 1940. Uma grande operação foi realizada, em seguida nas bibliotecas de Tessalônica, a chamada “Jerusalém dos Bálcãs”. Em 1941, uma equipe nazista do *Einsatzstab Reichleiter Rosenberg* promoveu em Vilna, considerada a “Jerusalém da Lituânia”, o saque dos acervos da Biblioteca Strashun e do YIVO, além de dez mil peças de sinagogas e coleções particulares, dez mil da yeshiva Lubavitch e do Kloyz do Gaon de Vilna, assim como do Museu An-sky.<sup>23</sup> Livros, manuscritos e documentos ligados ao judaísmo foram selecionados e enviados pelos nazistas a Frankfurt para o desenvolvimento dos chamados “estudos judaicos antisemitas” do Instituto para a Investigação da Questão Judaica, que tinha por slogan o “estudo dos judeus sem judeus”. O restante dos livros, estimado pelos alemães em 70% do total, foi encaminhado a fábricas de papel.<sup>24</sup> Sabe-se que em novembro de 1942 foram enviados à Alemanha 50 caixotes de livros; em fevereiro de

---

<sup>21</sup> JONES, 1994.

<sup>22</sup> MINCZELES, 1996.

<sup>23</sup> FISHMAN, 2018, p. 86.

<sup>24</sup> Avrom Sutzkever, poeta que viveu no gueto de Vilna entre 1941 e 1943, antes de se juntar aos *partisans* nas florestas próximas, descreve o momento em que Gotthard, conselheiro de Himmler, se precipitou ao Instituto Científico Judaico em Vilna, à procura de ouro. “Quando descobriu o cofre forte no porão, levou um serralheiro para forçar a fechadura. Uma vez o cofre aberto, Gotthard ficou muito decepcionado: os manuscritos de Scholem Aleichem e de Peretz os observavam com malícia. Fora de si, ele os retirou do cofre e os pisoteou”. SUTZKEVER, 2013, p. 192.





1943 foram despachados 9.400 volumes, sendo que o último envio conhecido foi de 10.000 livros em *yiddish* e hebraico.<sup>25</sup> Nos catálogos do Offenbach Archival Depot, que contém dados dos acervos recuperados em Frankfurt, ao final da II Guerra, pelo exército dos EUA, no depósito de livros saqueados pelos nazistas, contavam-se 300 carimbos de diferentes bibliotecas *yiddish*.<sup>26</sup>

Estima-se que 1.5 milhão de livros e documentos judaicos roubados foram encontrados nos depósitos da Alemanha após a guerra, tendo sido 232.000 devolvidos à União Soviética e 54.000 encaminhados à nova sede do YIVO em Nova Iorque. Com as mudanças na configuração dos Estados da Europa do Leste no pós-II Guerra, surgiram litígios quanto a quem caberiam os direitos sobre os acervos e, após acordo fechado em 1994, parte do material do YIVO que se encontrava na União Soviética foi enviado aos EUA.<sup>27</sup>

A prática de criar bibliotecas acompanhou efetivamente a imigração judaica no percurso de seu deslocamento. Para sua criação contribuiu também o deslocamento de escritores e jornalistas. Falbel<sup>28</sup> registra o caso de Leib Malach, que, chegado à Argentina em 1922 em proveniência da Polônia, ajudou a fundar bibliotecas em Cachoeira e Santa Maria, áreas rurais do Rio Grande do Sul onde colônias judaicas haviam sido criadas pelo ICA (Jewish Colonization Association). Chegados ao Brasil,<sup>29</sup> os livros se deslocaram também dentro do próprio país. No acervo da Biblioteca Scholem Aleichem do Rio de Janeiro há volumes com carimbos de inúmeras outras bibliotecas situadas nesta mesma cidade, em outras cidades do país e em outros países.<sup>30</sup>

---

<sup>25</sup> FISHMAN, 2018, p. 98.

<sup>26</sup> Esta informação consta do documentário franco-belga “La brigade des papiers”, realizado, em 2018 por Diane Perelsztejn e co-produzido por Les films de la mémoire, Création et mémoire, Poischiche films, ARTE, RTBF e LRT.

<sup>27</sup> FISHMAN, 2018.

<sup>28</sup> FALBEL, 1984, p. 165

<sup>29</sup> O acervo foi constituído por obras editadas, desde o final do século XIX, nas cidades europeias de Vilna, Varsóvia, Bialystok, Kharkov, Moscou, Lemberg, Riga, Minsk, Petersburg, Ekaterinoslav, Viena e Berlim, assim como em Buenos Aires, Nova Iorque e Rio de Janeiro. No que diz respeito à importação de livros em *yiddish*, Fridman (2007, p.47) registra a existência, no início dos anos 1930, da livraria S. Cohen, situada no Rio, na Praça da República, especializada em periódicos e publicações judaicas. No acervo da biblioteca Scholem Aleichem, por sua vez, há carimbos de livreiros como Goroditski, de Buenos Aires e de Nathan Veinreiter, encadernador, no Rio de Janeiro.

<sup>30</sup> Entre as bibliotecas situadas no Rio de Janeiro, há livros com carimbos do Schraiber Kendler, Círculo dos Amigos do YIVO, Sociedade das Damas Israelitas, União



No ano de 1915, militantes da cultura *yiddish* originários da Polônia, Ucrânia e Bessarábia fundaram a Yiddishe Scholem Aleichem Folks Bibliotek (Biblioteca Popular Judaica Scholem Aleichem), conhecida posteriormente como Biblioteca Israelita Brasileira Scholem Aleichem. Sua fundação sucede, pois, em cinco anos a criação da primeira biblioteca *yiddish* de Paris e precede em dez anos a fundação da biblioteca do YIVO em Vilna. Entre seus fundadores, encontravam-se simpatizantes comunistas, do Bund e do sionismo, assim como, a julgar por algumas obras do acervo, leitores da tradução em *yiddish* de autores anarquistas como Reclus<sup>31</sup> e de defensores da desobediência civil como Thoreau.<sup>32</sup>

Na memória de frequentadores da Biblioteca a partir do final dos anos 1920, prevalece a representação da instituição como espaço de empreendimentos culturais, apresentações teatrais e discussão de temas que espelhavam a situação da comunidade judaica à época.<sup>33</sup> Isso não impediu que dissensões internas, aguçadas em 1929, tenham levado grupos descontentes sionistas a fundar o Clube Hatchia que deu lugar posteriormente à Biblioteca Chaim Nachman Bialik.<sup>34</sup> Alguns autores<sup>35</sup> sugerem que já nos anos 1920 existia algum vínculo entre os então dirigentes da Biblioteca e o Partido Comunista Brasileiro pelo fato de, na sede dessa biblioteca, ter sido realizada uma conferência desse partido durante o Estado de Sítio de 1925. Kuperman cita relato do

---

Cultural Israelita Brasileira – IKUF, Biblioteca Michal Klepfisch, Grêmio Cultural Esportivo Hebreu Brasileiro do Meyer, Grêmio Cultural Israelita de Nilópolis, Escola C.N. Bialik do Meyer, Escola Hebreu Brasileiro da Tijuca, Centro Israelita Thifereth Israel de Nilópolis, União Cultural Judaica I.L.Peretz, Yiddisher Yugnt Heim, União dos Israelitas da Polônia no Brasil, Organização Sionista Unificada do Brasil, Biblioteca Israelita I.L.Peretz de Madureira, Biblioteca Theodor Herzl da rua São Francisco Xavier e Biblioteca Privada Tz. Yucht. De outras cidades do Brasil, há volumes com carimbos da Biblioteca Popular David Frischman de Niterói, Schalom Asch de Juiz de Fora, I.L.Peretz de Campos, União Israelita de Belo Horizonte, Biblioteca Israelita de São Paulo, I.L.Peretz de Campos, Veltman da rua Ribeiro de Lima em São Paulo, Biblioteca Popular Judaica de Taubaté e União da Juventude Israelita Brasileira do Vale do Paraíba em Taubaté. De fora do Brasil, há carimbos da Jewish Lituanian Cultural Society de Nova York, Yiddisher Kultur Farband de Nova York, Michalevitsch Baim Medem de Paris, Gu. Kaplonski de Buenos Aires, Suveju Skola ORT da Polônia, Arbeter Guezelshcaft Undzere Kinder in Kalish, Yiddisher Folks Schule Ostrovitze, Kinder Heim B. Grosser de Pietrkow.

<sup>31</sup> RECLUS, 1908.

<sup>32</sup> THOREAU, 1907.

<sup>33</sup> BLAY, 1989, p. 123.

<sup>34</sup> CABRAL, 2008; FARBER, 1955.

<sup>35</sup> KUPERMAN, 2003.



dirigente comunista Octávio Brandão: “O Estado de sítio continuava. [...] Em fevereiro de 1925, no Rio de Janeiro, na sede de um centro cultural israelita, num sobrado à rua Senador Euzébio,<sup>36</sup> hoje Avenida Vargas, perto da Praça Onze, realizou-se ilegalmente a Conferência de Delegados de células e núcleos comunistas do Rio de Janeiro e Niterói, em conjunto com a Comissão Central Executiva do PCB”.<sup>37</sup> Em sua caracterização das correntes da imigração judaica da Europa do Leste para o Brasil, também Grin descreve os membros do “grupo dos judeus socialistas” como aqueles que intermediavam relações entre o Partido Comunista Brasileiro e a comunidade judaica.<sup>38</sup>

Em que pese a prevalência de uma cultura laica e progressista, é interessante ressaltar que a militância pelo livro guardava traços aparentemente paradoxais de um vocabulário religioso compatível como o processo a que Kaufman chamou de “sacralização da cultura.”<sup>39</sup> Em um certo número de mensagens manuscritas, grafadas no caderno de visitas da Biblioteca Scholem Aleichem por escritores convidados a lá dar palestras, encontramos expressões como: “que sejam abençoadas as mãos que criam e constroem a cultura progressista *yiddish*” ou “sejam abençoados e fortalecidos os amigos em seu trabalho de reconstruir uma vida judaica cultural e progressista;”. Uma tal articulação entre o ativismo laico pela cultura *yiddish* e expressões do vocabulário religioso era assumida por Saádio Lozinsky, personagem presente na fundação da Biblioteca e num momento crítico de sua defesa, durante o Estado Novo. Ele deixa claro, em suas memórias, que sempre simpatizara com o que considerava o “ideal socialista puro, com seus propósitos e objetivos humanitários”, pois, para ele, “o verdadeiro judeu extrai seu socialismo de antigas e puras fontes judaicas”. Ele referia-se com igual entusiasmo à “admirável literatura *yiddish*” como a “obras religiosas como a Torá, o Talmud e outras”. “Não foi sem razão”, completava ele, “que, na comunidade, me designavam como o socialista religioso.”<sup>40</sup>

Após o período crítico do Estado Novo e da II Guerra, entre 1945 e 1955 o ativismo se intensificou. Visitaram a Biblioteca escritores como A. Kurz, B. Tz. Goldberg, Schneier Vasserman, Abraham Bik, Zische Vainpert, Almazof, P. Novik e P. Katz. O

---

<sup>36</sup> Na incapacidade de os associados pagarem o aluguel do salão da rua Senador Euzébio, a sede da biblioteca foi posteriormente transferida para um local menos adequado na rua Visconde de Itaúna, onde, durante uma leitura pública na presença do escritor Jacob Mestl, vindo dos EUA, o teto começou a desabar sobre o salão superlotado.

<sup>37</sup> BRANDÃO citado por KUPERMAN, 2003.

<sup>38</sup> GRIN, 1995. A respeito dessas relações no âmbito da América Latina ver KINOSHITA, 2000.

<sup>39</sup> KAUFMAN, 2003, p. 185.

<sup>40</sup> LOZINSKY, 1997, p. 232.





Dramkraise, grupo de teatro ligado à Biblioteca, foi reativado sob a direção de H. Blank, recebendo, em seguida, o aporte de Z. Turkow, reconhecido diretor que havia emigrado da Polônia. Foram encenados 27 espetáculos ao longo destes dez anos. Foi também criada a Sociedade dos Amigos do Teatro *Yiddish*. As mulheres organizaram seus círculos de leitura e fundaram a Associação Feminina que, em seus congressos anuais, contou com a participação de delegadas de vários estados.<sup>41</sup>

Em que pese avaliações aparentemente otimistas das possibilidades abertas pelo fim do Estado Novo,<sup>42</sup> os efeitos do nazismo na Europa deixaram marcas profundas no ativismo cultural do mundo *yiddish*. Uma campanha do “mês do livro *yiddish*” foi lançada, no início dos anos 1960, com o fim de “popularizar o amor pela literatura *yiddish*, cujos autores haviam estimulado novos modos de falar, sentir e pensar.”<sup>43</sup> Tratava-se então de cultivar o desejo de memória e de cuidar do futuro. Uma política renovada de leitura procurou reconstituir a crença no valor dos livros, estimular e organizar o esforço coletivo de estudo e debate. Evocava-se, em particular, a necessidade de “remover as ruínas e tornar saudáveis novamente os corpos e as almas, criando laços entre gerações, entre judeus e não-judeus, dando aos leitores a confiança em um mundo melhor.”<sup>44</sup>

Revigorou-se, na ocasião, o discurso militante que dizia se propor, ao mesmo tempo, a cultivar “a fidelidade à tradição humanitária dos clássicos *yiddish*” e “elevar o nível sociocultural das massas para a luta geral por um mundo mais justo e feliz”,<sup>45</sup> assumindo “o papel de direção e defesa do campo cultural judaico.”<sup>46</sup>

Camadas de história foram, assim, compondo o acervo da biblioteca Scholem Aleichem, frequentada por gerações de leitores ao longo de mais de 100 anos. Frente a esta história, coloca-se a pergunta: o que liam seus ativistas e frequentadores? Que conteúdos viajaram nestes livros migrantes?<sup>47</sup> Antes de tudo, os textos dos clássicos:

---

<sup>41</sup> SCHENKER, 1955.

<sup>42</sup> Em 1955, o boletim comemorativo dos 40 anos da Biblioteca estimava em 10.000 o número de livros em *yiddish* contidos em seu acervo. GLAZMAN, 1955.

<sup>43</sup> MORGENSTERN, 1960, p. 28.

<sup>44</sup> MORGENSTERN, 1960, p. 28.

<sup>45</sup> FARBER, 1955.

<sup>46</sup> MORGENSTERN, 1960, p. 30.

<sup>47</sup> A breve descrição do acervo da Biblioteca Scholem Aleichem, apresentada a seguir de forma apenas panorâmica, resulta de consultas diretas feitas aos livros presentes nas estantes nos anos 1991 e 2019. Nem todas as obras citadas encontravam-se ainda presentes quando da consulta realizada em 2019. O ordenamento dos volumes ficou bastante prejudicado após o falecimento de Moishe Bohm, que foi, por muitos anos, seu bibliotecário. Instaurou-se, então, uma tensão entre ordem e desordem tal como



Scholem Aleichem, I.L. Peretz e Mendele Mocher Sforim.<sup>48</sup> A seu lado, obras de escritores modernos, como Scholem Asch e o prêmio Nobel I. B. Singer. Em seguida, a grande história judaica, mas, também, a história específica dos judeus na Alemanha, Polônia, Bessarábia e Ucrânia. Ou a história local dos judeus de Kishinev, Petersburgo, Bialystok e Lublin. O modo de vida dos *shtetls* encontra-se registrado por métodos etnográficos, tal como na obra de An-sky, ou memorialísticos, como em H. Bergner e I. Blum.

No campo da História das Ideias e das correntes do judaísmo, destacam-se os estudos sobre o Hassidismo e a *Hazkalah*. Sobre movimentos sociais lia-se obras sobre a história do movimento operário judaico na América, Rússia e Inglaterra e eram acompanhados os relatórios dos múltiplos fóruns que articulavam o movimento yiddishista internacional, como a Conferência do Instituto Científico Judaico realizada em Vilna em 1929 ou o Primeiro Congresso Mundial do Yiddish em Genebra em 1936.<sup>49</sup>

A grande diversidade dos movimentos políticos exprimia-se na leitura de obras sobre o BUND, a social-democracia judaica, os socialistas, o movimento sionista socialista Poalei Tzion, bem como perspectivas singulares como as do socialista revolucionário I. N. Steinberg e do anarquista messiânico G. Landauer, a correspondência dos líderes do movimento espartaquista Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo ou as questões das mulheres no socialismo segundo Clara Zetkin. Dedicava-se atenção particular à experiência da revolução russa que – era o que muitos leitores esperavam – juntamente com a transformação da sociedade, traria o fim das perseguições aos judeus: relatos sobre a intelligentsia judaica de Leningrado, uma fábrica judaica de Moscou ou as colônias rurais judaicas da Ucrânia.

Os estudos do Instituto Científico Judaico (YIVO) registravam os resultados de uma ciência que tomava as problemáticas judaicas como objeto, tal como na série Economia e Estatística, de 1928, reunindo estudos sobre a criminalidade entre os judeus e estatísticas dos pogroms na Ucrânia. Grande variedade de volumes serviu às encenações de grupos de teatro yiddish. Obras sobre a história da literatura judaica e ensaios de crítica literária se fazem presente ao lado dos estudos sobre a música

---

aquela evocada por BENJAMIN (1987, p. 229-231) referindo-se aos acervos de colecionadores de livros.

<sup>48</sup> Itzhak Leibush Peretz, juntamente com Scholem Aleichem e Mendele Mokher Sforim forma a tríade clássica dos grandes escritores da primeira onda da literatura em língua *yiddish*, responsáveis pela estética moderna do universo judaico ashkenazi. Tendo começado a escrever em hebraico, Peretz publica em 1887 a sua primeira obra em *yiddish*.

<sup>49</sup> Na lista de participantes desse congresso consta, como representante do Brasil, o nome de H. Yarblum.



folclórica judaica desenvolvidos pelo grupo de etnomusicologia liderado por I. Cahan na Universidade de Vilna, assim como por Schmual Lehman, que fez parte do grupo de folcloristas de Varsóvia formado em torno a Noah Prilutzki, que dedicou-se a coletar, entre 1902 e 1925, canções de grupos sociais marginais, presos por crime comum, ouvidas em cadeias de Varsóvia, Lodz e Lublin.<sup>50</sup>

As obras poéticas variam desde a poesia mística neo-hassídica, aos membros do grupo “Jovem Vilna” dos anos 1930, a poetas vitimados pelo estalinismo como P. Markish ou pelo nazismo, como H. Glick. Mas a Biblioteca abrigou, também, a produção literária da própria imigração judaica para o Brasil,<sup>51</sup> bem como os periódicos *Funker* (Rio, 1952 e 1960), editado pelo ICUF do Brasil, e o *Poilscher Id* (Rio, de 1950 a 1958), pelo Comitê Central dos Judeus Poloneses do Brasil.

Entre os títulos dos periódicos políticos, era comum a referência a um futuro auspicioso – *Novo Tempo*, da social-democracia judaica (Vilna, 1908), *Nossa Voz*, do BUND (Varsóvia, 1908), *Nosso Tempo*, do Poalei Tzion (Vilna, 1909) e *Novo Mundo/Estrela Vermelha*, periódico marxista de Buenos Aires (1927-1928). Essa expectativa está presente também nos periódicos de caráter político-literário, como *A Nova Vida* (N. York, 1922), *O Futuro* (N. York, 1930 a 1938) e *Em Movimento* (Vilna, 1926).

Nos anos do pós-II guerra, destacam-se as repercussões da barbárie nazista e os textos que a testemunham: diários do gueto de Varsóvia e registros dos guetos de Vilna, Minsk e Klementov, bem como relatos sobre o Levante do Gueto de Varsóvia.

Entre as traduções para a língua *yiddish* de clássicos da literatura universal como Shakespeare, Gogol e Tchekov, chama a atenção a presença de grande número de exemplares do *Don Quixote* de Cervantes, a sugerir importante demanda por sua leitura. À parte tratar-se de um cavaleiro andante, como de certo modo o foi boa parte dos leitores destes volumes, tal interesse é compatível com o que sugere a crítica literária Marthe Robert, de ver no *Don Quixote* um livro “que sempre desce das estantes das bibliotecas porque tem como objeto a própria relação do livro com o real”. “Cervantes”, diz ela, “conta a história de um homem que passa a viver segundo as imagens e quimeras da literatura que leu.”<sup>52</sup> “Ele coloca ao leitor a seguinte pergunta:

---

<sup>50</sup> Um dos livros com sinais externos mais visíveis de terem sido valorizados por sua leitura e uso é a coletânea de partituras e versos de canções infantis, editada em Varsóvia em 1920, com o carimbo de uma instituição operária dedicada à educação coral infantil – o *Arbeiter-Gesellschaft Under kinder in Kalish*.

<sup>51</sup> Autores como R. Palatnik, C. Steinberg, H. Schwartz, M. Halpern, M. Appelbaum e J. Landa.

<sup>52</sup> Se, para o personagem *Don Quixote*, “a vida está impregnada de literatura”, a obra que tal personagem protagoniza mostra, como era do entendimento corrente entre



há algo que liga aquilo que está impresso ao que se vive?”.<sup>53</sup> Deste ponto de vista, faz sentido entender que leitores imigrantes, situados no cruzamento entre vários mundos, se tenham mobilizado fortemente por um tal personagem, que nomeia a realidade, escrevendo e lendo o(s) mundo(s), ao mesmo tempo em que não deixa de se interrogar sobre o valor da linguagem escrita.

## Referências

- AYMES, Marc. L'archive dans ses œuvres (Rancière, Derrida). *Labyrinthe*, v. 17, n. 1, p. 69-77, 2004.
- BARNES, Julian. *A Life With Books*, Jonathan Cape. Londres: 2012. In: BARNES, J. *Par la fenêtre*. Paris: Folio, 2015.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única. Obras escolhidas II*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BLAY, Eva Alterman. Inquisição, inquisições: aspectos da participação dos judeus na vida sociopolítica brasileira nos anos 1930. *Tempo Social*, v. 1, n. 1, p. 105-130, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 145, p. 3-8, 2002.
- BRANDÃO, Octávio. *Combates e Batalhas: Memórias*. v. 1. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- BROSSAT, A., KLINGSBERG, S. *Le Yiddishland révolutionnaire*. Paris: Balland, 1983.
- CABRAL, Paula. *Cultura, memória e vida urbana: judeus na Praça Onze no Rio de Janeiro (1920-1980)*. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.
- CUNHA, Olivia Maria Gomes. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, out. 2004.
- DERRIDA, Jacques. *Mal d'archive. Une impression freudienne*, Paris: Galilée, coll. Incises, 1995.
- ERTEL, Rachel. *Brasier des mots*. Paris: Liana Levi, 2003.

---

ativistas e leitores daquela Biblioteca, que “tudo o que foi escrito supõe uma visão do mundo”; Marthe Robert, *Don Quichotte: Personne n'échappe à cette intrusion de la littérature dans la vie*, <https://www.franceculture.fr/emissions/les-nuits-de-france-culture/marthe-robert-sur-don-quichotte-personne-n-echappe-cette>. Acesso em: 4 set. 2019.

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.franceculture.fr/emissions/les-nuits-de-france-culture/marthe-robert-sur-don-quichotte-personne-n-echappe-cette>. Acesso em: 4 set. 2019.



FARBER, Leizer. Di Bibliotek Scholem Aleichem in di yorn 1931-1935. *Biuletin Iubl-oissgabe tzum 40-stn yortag fun der Yiddishe-Brazilianische Bibliotek Scholem Aleichem*, Rio de Janeiro, p.15-18, 1955.

FALBEL, Nachman. *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*. São Paulo: Federação Israelita do Estado de São Paulo, 1984.

FISHMAN, David E. *Os Homens que salvavam livros: a luta para proteger os tesouros judeus das mãos dos nazistas*. Tradução de Luis Gil Reyes. São Paulo: Vestígio, 2018.

FREIJOMIL, Andrés G. Les pratiques de la lecture chez Michel de Certeau, *Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, v. 44, Paris, 2009.

FRIDMAN, Fania. *Paisagem estrangeira: memórias de um bairro judeu no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

GLAZMAN, M. Di Bibliotekh Scholem Aleichem: ir bicher Oitzer un ir historischer archiv. *Biuletin Iubl-oissgabe tzum 40-stn yortag fun der Yiddishe-Brazilianische Bibliotek Scholem Aleichem*, Rio de Janeiro, p.36-40, 1955.

GRIN, Mônica. Etnicidade e cultura política no Brasil. O caso dos imigrantes judeus do Leste Europeu, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 10, n. 28, São Paulo, jun. 1995.

HIDIROGLOU, Patricia. Le monde yiddish polonais et les bibliothèques dans l'entre-deux guerres à Paris. À la recherche des racines de la civilisation européenne, *Annales, Varsovie-Paris*, Centre scientifique de l'Académie Polonaise, p. 214-233. 2006. Disponível em: <https://docplayer.fr/14801357-Le-monde-yiddish-polonais-et-ses-bibliotheques-dans-l-entre-deux-guerres-a-paris.html>. Acesso em 9 ago. 2019.

JONES, Faith. *The Vancouver Peretz Institute Yiddish Library: the social history of a jewish Community library*, Simon Fraser University, 1994.

KAUFMAN, Tania. *Passos perdidos, história recuperada: a presença judaica em Pernambuco*. 3ª ed. Recife: Ed. do Autor, 2003.

KINOSHITA, Dina Lida. O ICUF como uma rede de intelectuais. *Revista UNIVERSUM*, n. 15, Talca, Universidad de Talca, p. 377- 382, 2000.

KUPERMAN, Esther. ASA: Gênese e trajetória da esquerda judaica não sionista carioca. *Boletim ASA*, n. 84, Rio de Janeiro, set. out. 2003.

LACOUÉ-LABARTHE, Isabelle; MOUYSET, Sylvie. La mémoire et l'oubli: écrire l'exil. *Diasporas*, n. 22, Toulouse, Presses Uiversitaires du Mirail, p. 7-14, 2013.

LOZINSKY, Saádio. *Memórias da Imigração: reminiscências e reflexões*. Rio de Janeiro: HAI/Garamond, 1997.

MANDELSTAM, Ossip. *Le Bruit du temps*, Paris: Christian Bourgois, 2006.





MERKLEN, Denis. *Pourquoi brûle-t-on des bibliothèques?* Paris: Presses de l'Enssib, Papiers, Villeurbanne, 2013.

MINCZELES, Henri. L'Âge d'or du Yiddish sur le plan éducatif dans la Pologne de l'entre-deux-guerres. Contributions Écrites. *Colloque sur la Culture Yiddish*, Lithuanian Seimas, Vilnius, 3-5 May 1995, Doc. 7489 Addendum au Rapporty sur La culture yiddish de la Commission de la Culture et de l'Éducation, Conseil de l'Europe, Assemblée Parlementaire, Strasbourg, 1996.

MORGENSTERN, Pinie. Der Hoidesh farn yiddish buch (O mês do livro yiddish), *Funker*, IKUF, p. 28-30, Rio de Janeiro, dezembro de 1960.

RANCIÈRE, Jacques. *Le Maître ignorant: cinq leçons sur l'émancipation intellectuelle*. Paris: Fayard, 1987.

RECLUS, Elisée. *Evolutsion, revolutsion un der anarkhistisher ideal*. Trad. A. Frumkin. London: Germinal, 1908.

ROBERT, Marthe. Don Quichotte: Personne n'échappe à cette intrusion de la littérature dans la vie. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/emissions/les-nuits-de-france-culture/marthe-robert-sur-don-quichotte-personne-n-echappe-cette>. Acesso em: 4 set. 2019.

SCHENKER, Aaron 40 yor existentz fun der Bibliotekh Scholem Aleichem, *Biuletin Iubl-oisgabe tzum 40-stn yortag fun der Yiddishe-Brazilianische Bibliotek Scholem Aleichem*, Rio de Janeiro, p.10-14, 1955.

STEINER, George. *Le Silence des livres*. Paris: Arléa, 2007.

SUTZKEVER, Avrom. *Le Ghetto de Wilno: 1941-1944*. Paris: Denoel & D'ailleurs, 2013.

THOREAU, Henry D. *Vegn der flikht fun umgehorkhzamkayt tsum sh'tot*. New York: N. Meizel, 1907.

WEINREICH, Beatrice Silverman (org.). *Yiddish Folktales*. New York: Pantheon Books, 1988.

-----

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.